

As divergências nos números para o petróleo

por José Antonio Severo
de São Paulo

Um número conservador para os gastos do País com o petróleo, este ano, seria US\$ 10,2 bilhões, e não US\$ 9,8 bilhões, porque nada é mais certo que o preço de referência suba para US\$ 40 o barril, no segundo semestre. Mais preciso que o cálculo do Conselho Monetário Nacional (CMN) é a proposta da Comissão Nacional de Energia ao presidente da República para uma política de suprimento de petróleo, fixada para um quadriestremestre. Nesta hipótese o Brasil pagará US\$ 3 bilhões até maio. Por essa projeção estima-se um preço médio de US\$ 36 por barril, o que é plausível para esse período, mas jamais valeria para o ano inteiro como sugere o documento do CMN, emitido ontem em Brasília.

Há também outras dúvidas. O número apresentado como oferta de energia primária, incluindo álcool e carvão mineral, pressupõe uma queda na demanda global de energia do País, o que não parece provável. O que tem havido é a substituição de derivados do petróleo por energéticos alternativos. Hoje álcool e carvão contribuem com, aproximadamente, 5% da oferta que tem a composição seguinte em barris equivalentes de petróleo: álcool 43 mil BEP/dia e carvão 20 mil BEP/dia. O consumo de

petróleo, até hoje, efetivamente, é de 1.100,4 mil barris/dia, que somados àqueles dois insumos eleva para 1.163,4 mil BEP/dia a demanda nacional. Mas, segundo o CMN, o consumo de derivados do petróleo em 1980 foi de 1.013 mil barris/dia, com uma importação média de 929 mil barris/dia, o que, se somarmos à produção nacional média de 181 mil barris/dia, no ano passado, já demonstra um erro na conta, que é 1.110 mil barris/dia.

Por isso é pouco provável que a oferta de derivados de petróleo mais álcool seja de 1.063 mil BEP/dia. Além disso, não aparece o carvão, embora seja notório que as termelétricas do Sul e as indústrias que substituíram o óleo pelo carvão mineral estão funcionando e que suas caldeiras queimam, efetivamente, carvão. O que pode, portanto, parecer razoável como explicação para essas contas é que o País esteja importando tudo o que pode (726 mil barris/dia), porque o suprimento mundial está tumultuado pela guerra Irã/Iraque e que essa situação persistirá por mais alguns meses. Até lá, também, já haverá uma definição sobre com quanto o álcool poderá contribuir na safra de 1981. O hiato será preenchido pelos estoques, os quais, aliás, existem para esse tipo de emergência.